Grupo "Política e Cidadania", CIES

até final de fevereiro (por e-mail para Viriato\_Jose\_Queiroga@iscte-iul.pt);

debater e refletir sobre estas e outras questões em volta do binómio crises económico-financeiras, sociopolíticas e sanitárias e inovações sociais e políticas, em Portugal e na Europa.

# Ciências de emergência e a recomposição das estruturas imperiais

A pandemia de COVID-19 colocou em marcha transformações sociais causadas, ao mesmo tempo, por micro poderes, a capacidade de organização de cada família ou vizinhança, e por macro poderes, das linhas de comando desde as instâncias internacionais multilaterais até às autoridades nacionais e locais, para proteger as populações do vírus e do medo da doença.

O medo tanto paralisa a acção, como nos confinamentos, como despoleta disposições de reacção negacionista, heróica, contrafactual, irrealista, utópica, de que a tomada do Capitólio foi o exemplo mais espectacular.

A pandemia é, afinal, uma sindemia (Singer), um duplo processo de contágio viral e social, produzindo imunidade e morte, por um lado, medo e necessidade de transformação dos sistemas de saúde e de modo de organizar as sociedades, por outro lado.

Com a sindemia, a comunicação social vive o aumento do contágio da veia punitiva própria do jornalismo tablóide, toma partido pelo modelo político de estrito controlo social, de tipo chinês, e condena o modelo social-democrata que durante décadas fora simbolizado pela Suécia. Os movimentos sociais dissidentes das políticas acordadas entre partidos dominantes juntam negacionistas do vírus ou da pandemia e defensores das liberdades cívicas e do estado de direito.

O lugar das ciências sociais na análise e condução das acções sob a sindemia está ocupado pela disciplina de saúde pública, que tomou o lugar das finanças, continuando espectacularmente a política do discurso único, mas agora focado na saúde das populações em vez de na banca. Todas as outras especialidades das ciências sociais continuam a viver a mesma rotina, como se nada se tivesse passado ou esteja a passar.

A saúde pública dividiu-se em duas correntes que não dialogam entre si: as institucionalistas, como as que vigaram na Suécia, integradas nos estados em institutos públicos de saúde pública, mas independentes dos governos, e as que se tornaram dominantes por utilizarem melhor a comunicação social, as que entendem dever contribuir para uma pedagogia punitivista do confinamento.

A eventual existência de ciências de emergência seria útil para não deixar a saúde pública isolada e manipulada pelos interesses mediáticos e estatais de dispersar responsabilidades, como quando se acusa os jovens de matar os mais velhos ou as populações de causarem os picos da pandemia e stress nos serviços de saúde, por efeito de comportamentos indevidos pelo Natal. A cooperação científica interseccional exigível pelas ciências de emergência permitiria avaliar racionalmente, mesmo em situações de stress emocional agudo, a evolução da pandemia e da síndrome imunitária comportamental (Schaller), dando conta, nomeadamente, de a organização da prevenção de problemas de saúde ser uma novidade bem vinda, na perspectiva da humanização dos sistemas políticos e económicos, mas necessariamente experimental e com custos sociais que não podem ser remetidos para as despesas familiares das suas vítimas, como os lojistas ou os países endividados; de a organização de práticas terapêuticas eficazes não deve ser abandonada, a pretexto de se voltar ao normal; de os instintos de sobrevivência criam sistematicamente, a par do medo, práticas inovadoras de empatia social a valorizar e avaliar imediatamente e para o futuro.

palavras chave: emergência; estados de espírito; teorias sociais; sindemia; empatia; medo; transformação social

# Renascimento do espírito imperial

A urgência pandémica veio sobrepor-se às crises financeiras, ecológicas, políticas que varrem o mundo da globalização. Há dois tipos de inovação em curso: as de retorno ao passado – novo new deal, neo-nazi-fascismo, neo-marxismo, neo-foucaultismo – e as de retorno aos planos de progresso tecnológico – vacinação global, economia verde, 5G, pós-humanismo.

As teorias do desastre informam a existência da “síndrome imunitária comportamental” de distanciamento social. As teorias da violência informam da procura activa por parte de populações acossadas de alvos incapazes de reagir. Ambas as teorias também reconhecem as tendências de generosidade e altruísmo sociais identitários em situações de desastre e violência. Eventualmente, como aconteceu entre a primeira e segunda metades do século XX, a hegemonia de um dos estados de espírito sucede a outro: os espíritos punitivo e de confiança misturam-se, cruzam-se e, eventualmente, tornam-se hegemónicos durante um certo período.

As crises principais são a falta de avaliação dos resultados dos planeamentos e a falta de imaginação para pensar

novos modos de organização social. A inovação que falta terá de se fundar numa esperança entusiasmada no futuro, capaz de substituir o aparentemente inelutável eterno retorno, num sentido diferente e estruturalmente semelhante ao progresso que substituiu o tempo circular do ano camponês.

O Renascimento foi uma época de ruptura com o passado, quando a reavaliação do *status quo* foi usada de forma criativa e inovadora, inspirada na reconstrução da idade e cultura clássicas. Atualmente, há quem recorra à idade e culturas pré-clássicas para cumprir o mesmo papel, em Chiapas, em nome da dignidade dos povos indígenas, etc. Talvez a reconciliação da humanidade com o meio ambiente terrestre exija uma reavaliação das consequências da revolução axial, a emergência dos impérios, do espírito imperial.

palavras chave: emergência, estado de espírito, teorias sociais; revolução axial

“sindemia” (Merrill Singer, médico e antropólogo https://casadasaranhas.com/2021/01/21/sera-isto-uma-pandemia/) – catástrofe: risco e oportunidade: 238: “síndrome imunitário comportamental” (psicólogo Mark Schaller, citado 239 Mackenzie) - repugnância (xenofobia autoritária hostil) contra humanos portadores de doenças 241: em caso de catástrofe os sobreviventes apoiam-se com generosidade, altruísmo

A definição de estados de espírito é intuitiva (espírito punitivo) e pode ser elaborada para ser analítica: por exemplo, o espírito punitivo conjuga a síndrome de Estocolmo, profecia que se auto-realiza, acusação da vítima, 3 processos sociais conhecidos, mas raramente usados nas teorias sociais. De crianças, as pessoas são ensinadas e aprendem a lidar com estes fenómenos sociais como instrumentos contra os outros ou/e como agressões de que nos devemos (ou não) defender. Há instituições, como as utilizadas por professores, trabalhadores sociais, psicólogos, polícias, tribunais, prisões, que sistematicamente discriminam entre os que se devem assumir como vítimas e como directores dos actos punitivistas.

# Ciências de emergência – testemunho de um sociólogo abolicionista

Foi este o nome de um [projecto](http://home.iscte-iul.pt/~apad/emergencia/) cientifico-pedagógico interseccional que envolveria vários doutorados de todas as escolas do ISCTE e reuniria os espólios de dos mestrados de [Risco, Trauma e Sociedade](http://home.iscte-iul.pt/~apad/risco/) e [Instituições Sociais e Justiça Social](http://home.iscte-iul.pt/~apad/justica02/). Foi abortado por decisões de gestão académica tomadas no ano da falência do sistema financeiro global, 2008: faltaria uma definição conceptual no programa. No ano do confinamento voluntário, 2020, a reitoria do ISCTE-IUL lançou uma iniciativa interdisciplinar com o título “[Saúde Societal](https://www.iscte-iul.pt/conteudos/iscte-saude/2080/saude-societal): Uma abordagem inclusiva do conhecimento em saúde” cuja apresentação começa com um capítulo com o título “um conceito em construção”. Foi possível descobrir-se a existência de cerca de 50 investigadores a trabalhar em temas de saúde, sem relação entre si e depois da surpreendente dispensa Tiago Correia, herdeiro natural de Graça Carapinheiro e do mestrado de sociologia da saúde.

A ironia da estória é a protecção reitoral para os estudos de saúde ter sido despoletada pela emergência de uma sindemia anunciada desde o final do século passado, quando os estudiosos da SIDA se deram conta da natureza dos novos riscos sanitários decorrentes das novas condições ambientais. O que impediu o ISCTE de assumir antes a necessidade de tratar da saúde da sociedade não foi a falta de iniciativas científicas e pedagógicas ou a falta de interesse dos investigadores. Foi a falta de sintonia entre os poderes académicos e as orientações conceptuais protagonizadas anteriormente.

Nada há de mais arriscado do que a ciência, isto é, conceitos em construção. A escola, com a sua legitimidade institucional, assegurou-se de conseguir uma orientação epistémica “inclusiva”, por oposição à teoria crítica protagonizada por Graça Carapinheiro e à ciência centrífuga por detrás das ciências de emergência.

“Ciências de emergência é um conceito que permite e estimula a liberdade de investigação e de criação científica, a cooperação e diálogo entre várias disciplinas e várias epistemologias em torno dos fenómenos da emergência (próprios das sociedades de risco) e da emergência de fenómenos (próprios das sociedades em transformação)”, escrevi então para anunciar o [projecto](http://home.iscte-iul.pt/~apad/emergencia/mestrado.htm). Emergência emergentes não faltaram, desde então até hoje: as políticas de transferência de dívida privada para os estados cujas populações foram cobertas de ondas de xenofobia política e mediática, os partidos políticos que aceitam alas e ideólogos neo-nazi-fascistas entre os seus dirigentes, as mudança climáticas, as invasões de fronteiras por ondas de migrantes refugiados e tratados como gente ilegal, a desqualificação laboral dos estrangeiros e dos jovens, reduzidos em medida crescente a trabalhos precários, a transferência de influência imperial dominante de Washington para Pequim, as armas de destruição matemática, nas finanças e na internet, de avaliação e de vigilância, o desmatamento acelerado, de que a Amazónia é símbolo, as dificuldades de controlo de fogos, as sindemias tratadas como pandemias.

messianismo revolucionário para romper com troskismo, voltar às raízes (do imperialismo ou dos índios) MEMÓRIA (contar de outro modo (não épico) para fazer justiça aos derrotados)

ecologia profunda como expansão do self para além do ego para incluir todas as formas de vida: e como incluir o planetarismo (Paul Diel): tratar as coisas como partes de nós, sem ser como meios (instrumentos). FUTURO

As ciências sociais, por oposição à filosofia ou teologia, não devem falar da natureza das coisas, dos fins e dos princípios, do tempo e da memória, do self?

# O retorno da Guerra Fria – a opressão das alternativas (TINA)

A corrente anti-imperialista rendida ao imperialismo (Harvey; o lado oculto).

[https://countercurrents.org/2021/01/navalny-in-moscow-and-the-empire-intones/](https://eur01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Fcountercurrents.org%2F2021%2F01%2Fnavalny-in-moscow-and-the-empire-intones%2F&data=04%7C01%7Cantonio.dores%40iscte-iul.pt%7C4b6263949a6945de6d8808d8bd488019%7C6230e860bfc54095a6bc104721add6e6%7C0%7C0%7C637467466366248921%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWIjoiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luMzIiLCJBTiI6Ik1haWwiLCJXVCI6Mn0%3D%7C1000&sdata=mLe7dNVY8z6QWinqdBkdosgIGWeFAD7yNATpzt%2BvlyE%3D&reserved=0) (Manning, Assange, Snowden)

Carl von Clausewitz vs Michel Foucault – guerra-política, poder-saber

As lutas entre as profecias que se auto-realizam (teorias da conspiração e planeamento)

<https://www.youtube.com/watch?v=-pnuz62t9Ls> carta de Seatle para Washington (Caetanos)

[https://www.salsa-tipiti.org/covid-19/open-letter-from-indigenous-peoples-on-surviving-covid/?fbclid=IwAR3qoq4Fd43FX1a81uGThhtK19JVhwuwXLb1oc-mm7ksU0Mitchc4Rkty1I](https://eur01.safelinks.protection.outlook.com/?url=https%3A%2F%2Fwww.salsa-tipiti.org%2Fcovid-19%2Fopen-letter-from-indigenous-peoples-on-surviving-covid%2F%3Ffbclid%3DIwAR3qoq4Fd43FX1a81uGThhtK19JVhwuwXLb1oc-mm7ksU0Mitchc4Rkty1I&data=04%7C01%7Cantonio.dores%40iscte-iul.pt%7C703b72bf97114cbfc61c08d8bc987dde%7C6230e860bfc54095a6bc104721add6e6%7C0%7C0%7C637466710423445454%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWIjoiMC4wLjAwMDAiLCJQIjoiV2luMzIiLCJBTiI6Ik1haWwiLCJXVCI6Mn0%3D%7C1000&sdata=Jb89pm%2FtPywTf8xuodQ31kNDMvXD%2B6sTY4IIhc1k50k%3D&reserved=0) (carta índios norte para Sul)

<https://www.youtube.com/watch?v=EjuDlXsuuhc> índio bethania caetano gal gil

Será possível que a pandemia tenha sido inventada para nos incomodar? (1-6)

Será mundo livre e global semelhante às China ou na Coreia do Norte ou na Venezuela? censura Ramiro Araújo

Não se pode exagerar a revolução que seria, ou será, se a prevenção da pandemia COVID-19 se tornar um novo e revolucionário paradigma cultural e civilizacional.

Consoante as construções humanas que lhes resistem, ou não, as viroses tornam-se, ou não, pandemias em função do tecido social que encontra

Os jovens são inundados de números, estatísticas e pareceres utilizados pelos planeadores divulgados obsessiva e hipnoticamente

Os estados, confrontados com os riscos pandémicos, reconhecem ser necessário reforçar os serviços de saúde para enfrentar situações semelhantes, mas não fazem nada nesse sentido.

A pandemia é uma conjugação de políticas e bio-políticas, do pior do capitalismo com o pior do comunismo

ETC&TAL: a democracia cria impunidade para representantes e uma punitividade para os outros

Artigo em inglês Coats: as escolas e as universidades são parte do problema e não da solução https://doi.org/10.1177/0896920520973728

COVID – Ciência: irresponsabilidade – o caso das prisões – UNIFACS, Menezes

A COVID-19, a Globalização e a análise social, <http://gsjhr.ms.ds.iscte.pt/Program.htm>

# Política reaccionária

As limitações dos debates políticos actuais estão oficialmente identificadas desde que Sarkozy pediu um relatório sobre como reorganizar o capitalismo, após a falência do sistema financeiro global (Stiglitz et al., 2009). O ano de 2020, porém, quando o novo normal de ajudas de estado à banca se banalizou e uma crise cruzando o autoritarismo irracional emergente e com a presidência dos EUA e a pandemia interrompeu as actividades da globalização, revelou de forma espectacular e impensável a real indispensabilidade de, para além da monitorização do produto económico das sociedades, organizar a solidariedade , nomeadamente no campo da saúde, e o respeito pelo meio ambiente, reduzindo drasticamente a poluição.

A vida política, no sentido estrito, revela-se reaccionária, incapaz de marcar a agenda a não ser de modo autoritário e contra-factual, agravando os limites cognitivos da hiperespecialização profissional impostos na esfera pública por uma continuidade do discurso único (TINA no seu acrónimo inglês), agora também repartido à medida das convicções de cada um pelas redes sociais.

A descredibilização das políticas é evidenciada pelo surgimento de movimentações espontâneas contra a violência do estado e das polícias que se tornam protestos prolongados e sem voz, como em França em 2005, na Grécia em 2009, em Inglaterra 2011, que são organizados, à luz do que se passou na Primavera Árabe, por um recrudescimento da actividade política extra institucional, como a dos Indignados ou dos Occupy, mais tarde também na Grécia contra as políticas de cobrar aos contribuintes mais frágeis o resgate do sistema financeiro global. A incapacidade da política institucional para integrar estes movimentos, como o demonstram os falhanços políticos do Syrisa, do Podemos ou, noutro sentido, a reacção do Partido Democrático norte-americano à “revolução” de Bernie Sanders, antecede a concretização dos perigos de os eleitores adoptarem para si políticas explicitamente reaccionárias, sem verniz politicamente correcto, alegadamente sem mentiras (*fake news*), sem corrupção (falsificação da democracia), de que Trump é o émulo.

Os Zapatistas são um movimento político-militar indígena, em Chiapas, cujo silenciamento foi interrompido em meados dos anos 90 através de uma acção de propaganda que chegou a todo o mundo, e que mantem o ideal de uma organização política diferente. Em 2014, revelou-se ao mundo a existências de milícias femininas curdas a defender Kobane, com sucesso, contra o Estado Islâmico. Inspiradas pelo dirigente preso Öcalan, eram parte do confederalismo democrático que organiza a política nalguns territórios.

Em França, 2018, surge o movimento Gilets Jaunes que se organiza e persiste contra o governo e o presidente, apesar da repressão. A pandemia ajuda a dispersar, ou não, as pessoas envolvidas.

Também em Portugal, os movimentos sem representação política se fizeram sentir e o panorama partidário, mais resiliente que na generalidade dos países ocidentais, abriu-se a novas formações partidárias, das quais se destaca pelo seu sucesso mediático e eleitoral recente, o partido racista de inspiração trumpista.

O reaccionarismo foi praticado em Portugal desde a revolução democrática, primeiro contra o Conselho da Revolução e a constituição que previa a via para o socialismo, depois seguindo as orientações políticas da União Europeia, para gastar dinheiro ou para fazer a recessão, com o orgulho dos “bons alunos”, incluindo a participação activa na estigmatização xenófoba dos gregos, quando os mais altos representantes do país faziam saber que “não somos gregos”. O esforço de convergência de indicadores económicos foi pensado como uma responsabilidade alheia, pois em Portugal permaneceram e continuam as políticas de baixa de salários que embaratecem as políticas europeias em relação a um país que continua sem capacidade de mobilizar os recursos financeiros colocados à disposição pela União Europeia.

Caracterizado por ser um dos países com rendimentos mais desiguais do ocidente, a par dos EUA, Portugal é também crónico carro vassoura dos indicadores económicos comparativos, tendo sido ultrapassado pelos países de Leste que entraram posteriormente na União Europeia.

Com a pandemia, porém, a diferença de resiliência dos diferentes grupos sociais, a indispensabilidade de trabalhadores e profissionais que não têm sido protegidos, antes atacados, pelos sucessivos governos, como os profissionais de saúde ou os camionistas, a experiência de solidariedade valorizada também pelos governantes e os mais altos dignatários do estado, o estado de espírito dominante pode estar a mudar. A compreensão da fragilidade dos sectores da restauração e do turismo, por exemplo, tornou evidente as limitações estruturais da política nacional. O nacionalismo emerge como solução alternativa, ou talvez não. Na verdade, o trumpismo é internacionalista na sua organização e também em Portugal.

estado de espírito

império

auto flagelação e Rita Sagato: com a Troika e com o Pandemia (SMS carlos sobre a atitude dos portugueses)

# Abolicionismo

Abolicionismo aqui representa a ideia se ganhar competência para reconhecer as injustiças e não as perder de vista, como modo de apoio a modos de evolução social que superem as situações de injustiça.

Os trabalhos de cuidar estão para os trabalhos de poder como a ansiedade de elevação está para o medo da violência, o sexo para o género, a submissão para a subordinação.

|  |  |
| --- | --- |
| Trabalhos de cuidar | Trabalhos de poder |
| Agir | Falar |
| Ansiedade de elevação | Medo de violência |
| Vergonha  | Acção em grupo |
| Sexo | Género |
| Submissão | Subordinação  |
| Solidariedade empática, criativa | Envolvimento violento, competitivo |
| Identidade social | Identidade individual |
| Biologia | Cultura  |

A cultura conheceu saltos diferenciadores com o surgimento das linguagens orais, com as pinturas rupestres e a arte funerária, com as linguagens escritas, com a domesticação, com a internet.

Duas culturas: Polarização que interpreta o mundo, incluindo de forma dialéctica, frequentemente anti-científica. De forma imperial, isto é, distinguindo natureza e cultura, objecto e sujeito, lixo e eternidade.

segredo social? o que é?